

O Banco Central (BC) indicou ontem, em seu relatório trimestral de inflação, que a taxa de juros básica da economia deve permanecer em 11% ao ano até 2015. Para este ano, o BC aposta num crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) mais baixo, de 1,6%, com inflação mais alta, de 6,4%, próxima ao teto da meta fixada pelo governo, de 6,5%. Para 2015, o cenário é de retomada da atividade e de inflação mais baixa.

O BC diz haver uma resistência à desaceleração da inflação, mas afirma que o ciclo de alta que culminou nos atuais 11% ainda surtirá efeito, com a aposta de que a inflação baixará em 2015 e 2016. A autoridade monetária estima que o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) deve ficar em 5,7% no ano que vem e em 5,1% nos 12 meses encerrados no primeiro semestre de 2016.

Ontem, o diretor de Política Econômica do BC, Carlos Hamilton Araújo, disse que os aumentos feitos na Selic ainda continuarão surtindo efeito na inflação entre o fim deste ano e o início de 2015.

“O Comitê antecipa cenário que contempla inflação resistente nos próximos trimestres, mas, que, mantidas as condições monetárias, tende a entrar em trajetória de convergência para a meta nos trimestres finais do horizonte de projeção”, afirma um trecho do relatório do BC.

Para analistas de mercado, a expressão da expectativa “neste momento” no relatório, diferente dos anteriores, indica a manutenção da taxa por um período mais longo.

O Banco Bradesco, em análise enviada a seus clientes, afirmou que a percepção é de que o juro deve ficar inalterado por um “período prolongado” e que o BC “sugere sua disposição em sustentar a taxa em 11% até o fim de 2015”. A taxa em 11% até o fim de 2015 “deverá garantir a convergência da inflação para a meta de 4,5%”, afirma o banco.

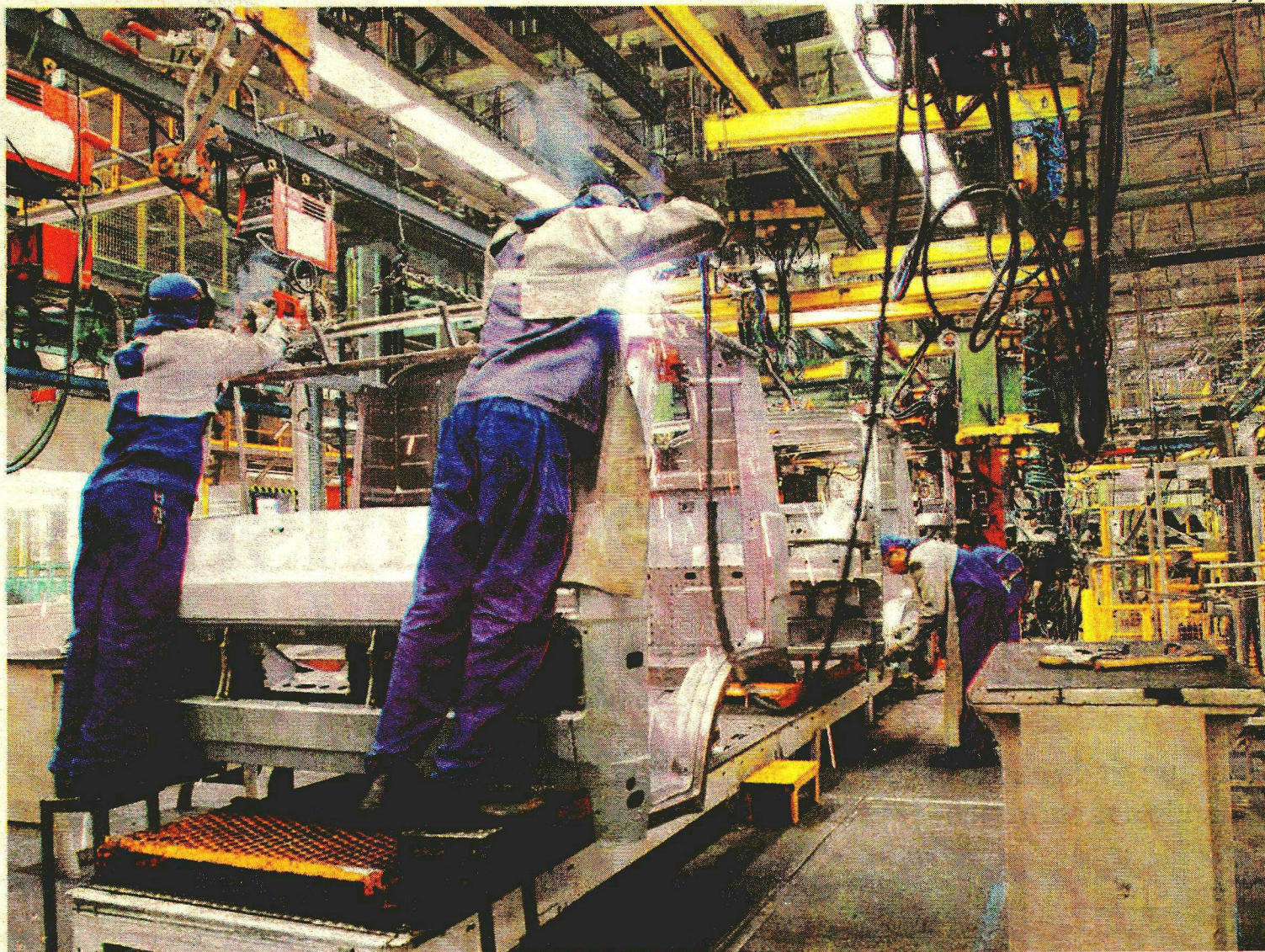
O economista-chefe do Itaú, Ilan Goldfajn, em análise enviada a clientes, afirma que o cenário traçado pelo BC, de convergência da inflação para a meta, tem respaldo nas projeções da autoridade monetária que mostram o recuo da alta de preços, especialmente no primeiro semestre de 2016. No entanto, apesar do relatório do Banco Central, o Itaú manteve a estimativa de aumento de um ponto percentual na Selic em 2015, para 12% ao ano.

Para o economista da Gradual Investimentos André Perfeito, o Banco Central deve manter as taxas de juros em 2014. No entanto, Perfeito enxerga um viés de baixa

Longo tempo sem mexer nos juros

Em seu relatório trimestral de inflação, BC indica manutenção da Selic em 11% ao ano até 2015. E, para 2014, revisa a atividade para baixo, e a inflação para cima

Divulgação



Indústria: relatório do BC revisou a projeção de crescimento do segmento, de 1,5% em 2014, para uma retração de 0,4%

Para analistas, a inflação em 2015 deve ser pressionada pelos preços administrados e pode receber impacto de uma eventual desvalorização do real, a depender da economia dos EUA

no ano que vem. “A inflação já está dando sinais de queda e deixará de ser um problema”, afirmou o economista.

Preços administrados e câmbio

A economista do Santander Tatiana Pinheiro diz que a mensagem do BC, para o curto prazo, até o fim de 2014, é que o atual patamar de juros é suficiente para fazer a inflação convergir à meta. “Não há espaço para alta por causa da atividade, nem espaço para corte por causa da inflação”, afirmou. Para 2015, Tatiana diz que os reajustes dos preços adminis-

trados, como energia, combustíveis e transportes públicos, podem ser um fator de preocupação à política monetária. No relatório, o BC aumentou a estimativa para os preços administrados de 5% para 6% no ano que vem, enquanto a projeção do Santander é de 9%. O banco aposta em aumento da Selic até o fim de 2015, para 12,5% ao ano.

Para a economista Margarida Gutierrez, professora da Coppead e integrante do Grupo de Conjuntura da UFRJ, a manutenção dos juros em 2015 vai depender muito do comportamento do dólar, além dos preços administrados.

“As pressões exercidas pelo câmbio e pelos administrados são incógnitas em 2015”, disse.

Na sua avaliação, se o novo governo que assumirá em 2015 resolver reajustar os preços represetados dos administrados de uma vez só, o efeito será de um novo ciclo de alta. “Se o novo governo resolver fazer aos poucos, isso já muda”, disse a economista. O câmbio dependerá bastante da política monetária e do comportamento da economia Estados Unidos.

“Se houver aumento nos juros americanos, o real deve sofrer desvalorização, com impactos sobre a inflação e o BC será levado a au-